

EDUCAÇÃO E PANDEMIA: REFLEXOS DO ABISMO DA DESIGUALDADE NO BRASIL

EDUCATION AND PANDEMIC: REFLECTIONS OF THE ABISM OF INEQUALITY IN BRAZIL

Viviane Lima da Conceição 1

Resumo: O período pandêmico trouxe consigo muitos desafios, e acentuou as assimetrias educacionais, visto que, os docentes e alunos possuem diferentes níveis de capacitação digital e os alunos diferentes condições de acesso as ferramentas tecnológicas. O ensino remoto como estratégia veio ao encontro de promover a continuidade do processo ensino aprendizagem, todavia a necessidade de um planejamento em curto prazo para atender a demanda de continuidade de estudos dos alunos dentro deste novo quadro emergencial, deparou-se com o abismo na consolidação do processo de ensino aprendizagem e a possível evasão escolar. Após um estudo bibliográfico dos levantamentos de artigos científicos, este ensaio tem por objetivo refletir sobre o quanto as desigualdades socioeconômicas, são articuladoras para o aumento da desigualdade educacional no contexto atípico de pandemia do Covid 19. E ainda debater sobre a importância da escola pública como um dos instrumentos para minimizar as desigualdades, contribuir para o debate de novas alternativas futuras.

Palavras-chave: Educação. Evasão. Desigualdades

Abstract: The pandemic period brought with it many challenges, and accentuated educational asymmetries, since teachers and students have different levels of digital training and students have different conditions of access to technological tools. Remote teaching as a strategy came to promote the continuity of the teaching-learning process, however the need for short-term planning to meet the demand for continuing student studies within this new emergency framework, faced the abyss in consolidation teaching-learning process and possible school dropout. After a bibliographic study of the scientific articles, this essay aims to reflect on the extent to which socioeconomic inequalities are articulators for the increase of educational inequality in the atypical context of the Covid 19 pandemic. And still debate on the importance of public schools as one of the instruments to minimize inequalities, contribute to the debate of new future alternatives.

Keywords: Education. Evasion. Inequalities

Introdução

Este estudo não tem por finalidade esgotar o assunto, mas entre os objetivos estão auxiliar a equipe escolar a traçar estratégias para futuras situações no campo da educação que venham a minimizar as situações emergenciais. Para isso, pretendemos debater sobre a importância da escola pública como um dos instrumentos para minimizar as desigualdades, contribuir para o debate de novas alternativas futuras. De acordo com a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (Unesco, 2020), em uma análise mundial, 87% dos estudantes foram diretamente impactados pelo fechamento das instituições de ensino, devido a pandemia Covid-19. Sendo afetados estudantes de mais de 165 países. Tal fato, levou as autoridades e sociedade a repensar métodos e estratégias de disseminação e continuidade de ensino, uma das soluções apresentadas foi o ensino na modalidade a distância, e o oferecimento de educação na forma remota. A partir desta nova realidade, outro ponto foi ainda mais exacerbado, a desigualdade, pois a suspensão das aulas presenciais e fechamentos das escolas atingiu de forma desproporcional os alunos mais vulneráveis economicamente, principalmente no que se refere aos da educação básica, onde a escola públicas tem um caráter de oferecer também serviço social de alimentação. A UNESCO, sinaliza como pontos principais que desafiam essa realidade pandêmica e sua relação com as instituições escolares, além da aprendizagem interrompida, sem a previsão de um retorno; a interrupção dos serviços de merenda escolar; a pressão sobre os docentes, que tiveram o desafio da adaptação ao ambiente virtual; o despreparo dos responsáveis em atender as demandas da educação remota de seus filhos; a manutenção de ambientes virtuais, desmotivação e evasão; desafio de mensurar a aprendizagem, entre outros.

O plano de ação adotado pelos governos, seguindo as orientações do Organização Mundial da Saúde, declarou em 30 de janeiro de 2020, o surto do Novo Coronavírus (Covid-19) como uma emergência de saúde pública em nível internacional, sendo umas das medidas de contenção adotadas pelos governos, o isolamento social, que resultou em fechamento de escolas, comércios, entre outros, mantendo a princípio apenas os serviços essenciais. Tais medidas de isolamento foram aplicadas em diferentes fases de acordo com cada Estado brasileiro, seguindo a dinâmica de disseminação da epidemia. Seguindo-se a possibilidade de relaxamento das medidas conforme a regressão do contágio. No levantamento feito por Senhoras (2020, p. 129)

A difusão da pandemia da COVID-19 gera impactos na educação de modo complexo à medida que há o transbordamento de efeitos de modo trans escalar no mundo, embora com assimetrias identificadas, tanto, pelas distintas experiências internacionais em cada país, quanto pelas diferenciadas respostas intranacionais geradas entre o setor público e privado, bem como entre os diferentes níveis de educação.

Sendo uma das principais medidas apresentadas, o isolamento social, visto que não é possível um efetivo rastreamento e isolamento dos casos e do número de assintomáticos propensos a transmitir a doença. A motivação para este estudo, deve-se ao fato de a pesquisadora atuar como educadora e perceber o quanto esta realidade apresenta-se como um desafio para a prática educativa.

Válido ressaltar que, no Brasil, mesmo após mais de quatro meses de medidas restritivas, o número de vítimas fatais continua elevado. De acordo com dados do Ministério da Saúde, até o dia 25 de julho de 2020 contávamos com o infeliz número de 87.618 óbitos. E com 2.442.375 pessoas contaminadas. Visando o âmbito educacional, o governo Federal mediante a Medida Provisória 934/20, realizou ajustes no calendário escolar, desobrigando parte do artigo 24, inciso I, onde encontrava-se a determinação de 200 dias letivos, contudo, manteve as 800 horas. Arruda (2020, p. 258),

O isolamento social promoveu transformações econômicas severas imediatas, com a parada obrigatória de inúmeros setores, modificou nossa relação com a arte, devido à ausência do compartilhamento presencial de experiências de fruição e, no caso da educação, promove desconstruções sob a forma como o ensino e a aprendizagem são vistos socialmente.

A situação de possível exposição ao vírus fez com que caminhar pelas ruas se convertesse em uma situação delicada. Diante dos inúmeros desafios que se apresentam durante o período de pandemia e os desafios que surgirão futuramente, nos levam a refletir sobre a necessidade de criar políticas públicas com vistas a reestruturação das instituições de ensino e capacitação de professores e equipe escolar. O sistema educacional de brasileiro tem enfrentado uma situação por demais desafiadora, pois apesar de, por anos consecutivos enfrentar uma escassez de recursos em infraestrutura, a ausência de recursos financeiros, além de ausência de políticas públicas que tratem efetivamente da valorização dos profissionais da educação, enfrenta desde os primeiros meses do ano de 2020 uma situação de pandemia. Todos os segmentos da sociedade foram obrigados a passar por uma adaptação, e as instituições de ensino em seus diversos segmentos procuraram enfrentar o desafio de ao estarem compulsoriamente, ainda de forma temporária, fora do ambiente tido como principal para as atividades educativas, manter suas atividades. Mas, como manter um processo educativo equilibrado e constante dentro deste cenário atípico? Como manter uma relação dialógica e participativa no processo de ensino?

Os números da contaminação no Brasil¹ são expressivos, de acordo com Oliveira; Lisboa; Santiago (2020, p.20), tal fato ocorre,

Tanto pela falta de consciência, quanto pelo descaso do Presidente, que vem se omitindo de liderar o combate ao COVID-19 através de ações propositivas e de medidas necessárias para minimizar ou, até erradicar a pandemia, o Brasil já se colocou como o epicentro da infecção.

O aumento no número de infectados, as incertezas quanto a possibilidade de uma vacina, a necessidade de evitar aglomerações, geram um clima de ansiedade. Nas palavras de Oliveira; Lisboa; Santiago (2020) “Medo, depressão, neuroses e, até mesmo, de psicose” (p.20). Sendo assim, a necessidade de fechamento das instituições de ensino deve-se ao pressuposto que alunos e professores poderiam se tornar grandes vetores de Coronavírus.

As mudanças repentinas decorrentes das estratégias adotadas para minimizar os efeitos da pandemia do Covid-19, onde toda a população foi instruída a adotar novas medidas de higienização, cuidados constantes como uso de máscaras e álcool gel, entre outras, sendo a necessidade de isolamento social, visto por muitos como um dos grandes desafios a serem enfrentados. Principalmente em regiões onde a população não tem acesso a saneamento básico a rede de água e esgoto, como algumas áreas de favelização no Estado do Rio de Janeiro, por exemplo. Diante deste novo cenário a adoção de novas estratégias educacionais tornou-se necessária, reinventar o processo de ensino de acordo com esta “nova” realidade. Neste contexto atípico, faltou as instituições de ensino tempo hábil para alicerçar estratégias para a formação docente, com o intuito de capacitá-los para lidarem com a nova realidade apresentada. Junta-se a isto a necessidade de intervenção pedagógica que vise diversificar as aulas com ferramentas tecnológicas, permitindo engajamento e interação.

Analisar a possibilidade de diversificação das atividades curriculares pode ser uma das estratégias para minimizar os prejuízos acadêmicos causados pelo período de isolamento social, além da reposição de aulas em dias de sábado e mudança do calendário no que diz respei-

1 Salientamos que desde a Nelson Teich foi o último Ministro da Saúde, deixando o cargo no mês de abril de 2020, o mesmo permaneceu menos de um mês no cargo, onde estava substituindo Henrique Mandeta, desde a saída de Teich não foi nomeado outro ministro para a pasta. Enquanto este artigo estava sendo redigido, o Brasil alcançou no dia 08 de agosto a infeliz marca de 100.477 mil vítimas fatais de Covid19. <https://covid.saude.gov.br/> acesso em 08/08/20.

to as férias, entendendo que a educação a distância não pode ser vista como a panaceia para os problemas atuais, esta modalidade de ensino exige dos alunos uma maior organização e comprometimento com sua própria formação, necessitam portanto de maturidade intelectual, e disciplina para cumprir com as atividades propostas. A mesma pode exacerbar desigualdades em um país com características continentais como o Brasil, onde nem todos possuem acesso às ferramentas digitais e a internet de qualidade. Deve-se levar em consideração as múltiplas realidades nas quais se encontram os alunos e docentes é fator crucial para constituir e integrar práticas que visem uma realidade educativa mais equânime. Diante desse cenário a área educativa sofreu impactos na continuidade de suas atividades de acordo com a região em que se localizava e ainda as especificidades epidemiológicas do momento. Para Senhoras (2020, p. 131) em todas as suas fases

A pandemia afetou de modo distinto professores e estudantes de diferentes níveis e faixas etárias, e por conseguinte muitas das assimetrias educacionais pré-existentis tenderam a se acentuar conforma as especificidades em função, tanto, da falta de trilhas de aprendizagem alternativas à distância, quanto, das lacunas de acessibilidade de professores e alunos a Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) para a promoção do Ensino a distância (EAD).

As tecnologias digitais e estratégias

A sociedade está em um contínuo processo de evolução digital. E coube a equipe de educadores reinventar os processos de ensino e criar estratégias para o processo de escolarização, a utilização de plataformas digitais com vistas a mediar o processo de ensino aprendizagem, através do ensino remoto, tem sido uma das estratégias mais utilizadas durante o cenário de suspensão das aulas presenciais para colaborar com o isolamento social. As ferramentas tecnológicas têm um papel de facilitadoras das práticas escolares, contudo faz-se mister a presença de um coordenador pedagógico para articular e organizar junto aos docentes às atividades que venham a promover o desenvolvimento educacional. A interação da equipe escolar e um bom trabalho do coordenador pedagógico, corroboram com o que Faustino; Silva relatam

Seu maior foco está na formação e colaboração do desenvolvimento do processo pedagógico da instituição, portanto, tende a produzir grandes repercussões, até mesmo no desenvolvimento do interesse dos alunos, promovendo um ambiente mais integrado e participativo em conjunto com os docentes (2020, p. 55).

Aos docentes foi imbuída a tarefa de ofertar condições de aprendizagem através das ferramentas tecnológicas, entretanto, não houve tempo hábil para uma formação destes para interagir no ambiente digital. Pois o acesso às informações não garante as condições para a aprendizagem, é preciso que os educadores tenham domínio das ferramentas, e planejamento de como melhor utilizá-las. Arruda, (2020) ratifica que a educação emergencial feita de forma remota, pode apresentar-se em tempo semelhante ao das aulas presenciais, em formato de *lives*, com transmissão simultânea, e pode permitir a gravação das aulas para acesso posterior dos alunos que por algum motivo, não puderem assistir a aula em tempo real. Permitindo desta forma, uma manutenção do vínculo entre estudantes e professores.

É importante refletir sobre os impactos que as citadas mudanças trouxeram aos alunos e aos profissionais da educação. (Santos Junior & Monteiro, 2020, p. 14) constataram que

Se vive em um momento de cuidado, no qual as relações humanas, profissionais e educacionais foram redimensionadas em função do isolamento social ocasionado pelo coronavírus. As rotinas dos estudantes foram modificadas e para muitos o tempo agora é dividido com outras atividades.

Muitas escolas ampliaram e algumas iniciaram a utilização de tecnologias educacionais digitais para tentar dar continuidade ao processo de escolarização, tomando como ferramentas plataformas como, *Google for Education; Microsoft Teams; Zoom; Youtube*, entre outras plataformas digitais privadas. Aulas remotas, contudo, ainda neste cenário ainda não nos permite alcançar resultados concretos sobre como essas mudanças impactaram os diferentes níveis de ensino. estudantes, familiares e equipe de profissionais da educação. Oliveira (2020, p. 286) ressalta que

As escolas particulares e seu público têm acesso às tecnologias educacionais utilizadas, assim como aos dispositivos necessários para o funcionamento, como tablets, celulares e computadores, bem como o acesso à internet. Com isso, aumentou a disparidade entre os estudantes da rede privada quando comparada à rede pública.

O estudo de Cury salienta que, em decorrência dos enfrentamentos durante e após o período de fechamento das instituições de ensino, e a estratégia de ensino remoto com uso das tecnologias digitais, diante das disparidades nas múltiplas realidades que permeiam o cotidiano dos alunos no Brasil “haverá perdas e danos para os estudantes, em maior ou menor grau, segundo a estratificação social e acesso às tecnologias digitais da informação e da comunicação”, (2020, p.10).

A educação de forma remota online, veio ao encontro de sanar uma situação emergencial, atendendo com conteúdos digitais aos alunos, visto que foram impossibilitados do exercício do ensino presencial, utiliza também material impresso. Necessário refletirmos como um público tão diverso pode ser inserido dentro da educação remota, como tornar o acesso a educação algo mais equânime? Faz-se necessário ratificar que, educação em modalidade remota, diferencia-se de educação na modalidade a distância, pois a EaD precisa envolver um planejamento prévio “considerações sobre o perfil de aluno e docente, desenvolvimento a médio de longo prazo de estratégias de ensino e aprendizagem que levem em consideração as dimensões síncronas e assíncronas da EaD” (Arruda, 2020, p. 265), além de um ambiente virtual de aprendizagem, e de hospedagem dos conteúdos disponibilizados por cada docente. A apresentação de um currículo elaborado para atender essa modalidade de ensino, recursos áudio visuais, material impresso, entre outros. Em alguns cursos de educação superior, como por exemplo o consórcio Cederj no Rio de Janeiro, apresenta ainda polos onde os alunos participam de aulas de laboratório, eventos e avaliações, que no período de isolamento também tiveram as atividades presenciais suspensas, o que acabou por interferir na distribuição dos materiais impressos que era realizada nos polos regionais no decorrer do semestre letivo. Para Oliveira; Lisboa; Santiago (2020, p.23)

Quando as escolas que atendem os alunos da educação básica voltarem a funcionar na forma presencial, a perda na aprendizagem, principalmente, dos alunos das escolas públicas e, principalmente, ainda, dos alunos em situação de maior vulnerabilidade, será sentida de forma significativa, por um bom espaço de tempo, pois a volta às aulas presenciais será gradativa e demandará uma reorganização no sistema de ensino, uma vez que nem as escolas, nem os professores estarão preparados para o processo de reabertura do espaço escolar.

Buscar meios de aprimorar estratégias de integração e interdisciplinaridade, com vistas a melhor proficiência dos alunos e ainda a verificação de suas aprendizagens dentro deste período atípico no qual nos encontramos, poderá subsidiar novas metodologias para sanar o rol de dificuldades hoje encontradas e preparar estratégias e intervenções pedagógicas para o futuro.

A situação extrema a qual toda sociedade foi exposta, traz a necessidade de refletir sobre a necessidade de proteção à vida, em um novo cenário, as diversas estratégias para manter à saúde, e o estresse emocional causado pelo crescente número de vítimas fatais, decorrente

da contaminação do Covid-19, a falta de capacidade de atendimento da rede hospitalar, e o aumento do desemprego, são alguns dos fatores que incidiram de forma profunda sobre os sujeitos sociais. No entendimento de Cury (2020, p. 13)

“há um sentimento de insegurança sócio existencial, em que o temos e o medo trazem insegurança quanto ao nosso futuro próximo. De um lado, a nossa contingência, nossa precariedade. Não somos onipotentes. De outro lado, esse gerenciamento do medo e do risco afeta tanto os indivíduos quanto as classes sociais de maneira diferenciada”.

Impactos

Após transcorridos mais de cem dias de suspensão das atividades escolares presenciais, o jornal G1 apresentou com um levantamento feito junto as secretarias estaduais de Educação onde constatou-se que, 15 dos 25 Estados adotaram estratégias para ensino on-line e apenas 60% destes monitoram o acesso dos alunos. A partir deste levantamento constatou-se que muitos alunos não acessam o material, por razões diversas, entre elas a principal, falta de acesso à internet. Mesmo aqueles que acessam, nota-se a dificuldade em mensurar seu aprendizado, o levantamento aponta ainda que a maioria dos Estados, 20 deles mais o distrito Federal, irão utilizar as aulas remotas como equivalente as aulas presenciais, contando assim como tempo em sala de aula. Vale ressaltar que acessar o conteúdo disponibilizado, não significa necessariamente aprendizado.

A casa, para aqueles que tem o privilégio de ter uma, tornou-se ambiente de trabalho para muitos, para aqueles que tem o privilégio do trabalho remoto, virou ainda local de lazer, de atividades culturais que agora chegam pelos aparelhos eletrônicos, virou espaço escolar, tornou-se consultório para o psicólogo e seu paciente, e ainda acadêmica para os que possuem um professor de educação física que possa fazer o atendimento virtual, virou espaço de estresse, já que há de haver tempo para trabalho, cuidados com a família, atividades físicas, atendimento aos idosos, entre outras diversas atividades. Em uma adaptação forçada e necessária.

Para Cury este cenário de ensino nos lares, ressalta a importância da figura do docente, e a necessidade de valorização desses profissionais, “Ficam evidentes os limites de um ensino doméstico. Os pais ou tutores ou cuidadores, exceto os que são profissionais do magistério, não são profissionalizados, não foram preparados para tal situação”. (2020, p. 14)

A interdição do acesso à escola reconfigurou a sociedade, famílias passaram a coadunarem no ambiente doméstico seu trabalho, para muitos transformado em teletrabalho ou o que ficou conhecido como Home office, e para aqueles que possuem filhos ou tutelados na educação básica, adicionou-se o acompanhamento das tarefas destes estudantes, dentro de um contexto de confinamento, situação que de acordo com Arruda, acabou por gerar

“desconforto em inúmeros atores sociais, pois o desconhecimento a respeito do novo coronavírus não permite o desenvolvimento de planejamento para acolhimento dos sujeitos envolvidos nesse novo contexto educacional” (2020, p. 259).

O isolamento foi capaz de modificar significativamente os atores sociais nos mais diferentes contextos, a adaptabilidade tornou-se parte da rotina, uma necessidade coletiva. No contexto escolar além dos desafios já apresentados, surgiu a necessidade de explorar de melhor forma o tempo. Outra questão a ser debatida é a preservação da individualidade do aluno e a latente demanda de contribuir com sua autoestima, trabalhando seus potenciais e limitações. E o que dizer da privacidade? Em um cenário em que ao improvisar em sua residência seu novo espaço de trabalho, e alocar o celular no cômodo onde haja melhor sinal para internet, apresentamos nossas salas, quartos e até mesmo a cozinha, qualquer local da intimidade que agora é exibida em busca de uma boa transmissão para a vídeo conferência.

“O professor necessitou, para ontem, dominar, investir, apoiar e utilizar-se das ferramentas tecnológicas no modelo de aula

remota. O progresso tecnológico, mesmo que visto como irreversível, ainda era ponderado a uma das possibilidades de estímulo ao aprendizado [...] O que se espera é que as novas dimensões da tecnologia na educação assumam um papel colaborativo e propulsor para a difusão do conhecimento e da democratização do saber". (Antunes Neto, 2020, p. 33)

Os agravamentos dessa situação de excepcionalidade atingiram os diferentes níveis de educação, desde o ensino básico ao superior, quando da dificuldade de manter alunos focados em seus estudos ou pesquisas, pois para muitos a interação no ambiente virtual ainda é desafiadora. De acordo com Dias; Pinto (2020, p. 546)

"um número considerável de professores precisou aprender a utilizar as plataformas digitais, inserir atividades online, avaliar os estudantes a distância e produzir e inserir nas plataformas material que ajude o aluno a entender os conteúdos, além das usuais aulas gravadas".

Em seu estudo sobre os alunos da educação básica e suas famílias em período de pandemia, Rocha; Cardoso ilustram que entre os desafios vivenciados pelos responsáveis dos alunos na educação não presencial "destacou-se que acompanhar os estudantes nas atividades foi o item considerado de maior dificuldade" (2020, p. 139). Em seguida esse mesmo estudo aponta a dificuldade relatada pelos responsáveis pelos alunos em conciliar as atividades realizadas em trabalho remoto, e o acompanhamento do desenvolvimento das atividades escolares de seus filhos. Visto que, a realidade impetrada mudou a rotina na vida de todos, gerando tensões para administrar todas as demandas. Os alunos moradores de bairros periféricos e zonas rurais, enfrentam obstáculos ainda maiores, pois além da falta de recursos para o acesso as tecnologias digitais, ainda devemos levar em consideração o prolongado confinamento, a falta de espaço adequado para os estudos, a ausência dos colegas de classe. Soma-se a isto para muitas famílias a ausência da merenda escolar, e a dificuldade de pais e responsáveis em acompanhar as tarefas escolares junto com os alunos. Fatores que podem provocar ansiedade em alunos e famílias, dificultando ainda mais a atenção aos estudos.

"o cenário educacional no país se apresenta de forma desigual. Observamos a inexistência de uma educação para todos e uma sociedade dividida e injusta. Historicamente, a educação visa a reproduzir e conservar os interesses das classes dominantes como se fossem interesses da sociedade" (Resende; Melo, 2020, p. 85)

O contexto da pandemia ressaltou os desafios da realidade já vivida por muitos alunos, trazendo à tona relações de exclusões em contraponto aos privilégios. E a contínua invisibilidade de muitos alunos, faz-se necessário buscar contribuições que favoreçam uma educação inclusiva, com uma proposta pedagógica fundamentada em diálogo e troca de experiências, um fazer colaborativo, que leva em consideração as múltiplas realidades que permeiam a rotina dos alunos em seus diferentes segmentos. Pois os recursos tecnológicos por si só não são suficientes para atender a demanda do contexto em que nos encontramos, necessário se faz visar maior autonomia e participação colaborativa na gestão das práticas a serem utilizadas.

As instituições escolares ao pressionarem docentes e alunos em busca de manter o calendário acadêmico, acabam por aumentar os problemas destes, principalmente o que se refere aos alunos da educação básica. Deve-se levar em consideração que alguns responsáveis em trabalho remoto, cumprindo carga horária integral, outros que ao trabalharem em serviços considerados essenciais, continuaram com a rotina presencial em seu local de trabalho, não tendo a possibilidade de atender as demandas escolares de seus filhos, ou mesmo outros que por falta de conhecimento específico da disciplina, ou possibilidade de acesso ao conteúdo disponibilizado de forma online, para assim conseguir auxiliar seus filhos ou netos (Dias e Pinto, 2020).

Válido salientar que, docentes que possuem filhos na educação básica, também são expostos a situação similar, em manter as atividades laborais e auxiliar os seus. Dentro desse cenário a desigualdade econômica serve como fator diferencial para diferenciar quem terá acesso à educação e quem ficará excluído de etapas desse processo, conforme corrobora SENHORAS (2020, p. 134) “atores econômicos privilegiados e com amplo acesso ao ensino privado e às Tecnologias de Informação e Comunicação conseguem minimizar os efeitos pandêmicos no curto prazo por meio da continuidade via EAD em contraposição a atores econômicos mais vulneráveis”.

No que tange a educação superior, temos a afirmação de Arruda “as dúvidas e respostas são semelhantes à educação básica, mas em um nível micro institucional, dada a autonomia que cada Universidade possui em relação às respostas acadêmicas à Pandemia” (2020, p. 261). Há incessantes debates sobre a volta às aulas presenciais, e uma preocupação para estudos em função de exames como o Exame Nacional do Ensino Médio, ENEM², entretanto, faz-se necessário ratificar que a instituição escolar é “um dos espaços sociais em que há maiores trocas e mobilidades de sujeitos de diferentes faixas etárias, portanto, representa espaço de maior probabilidade de contaminação em massa” (Arruda, 2020, p. 263).

Em vistas da incerteza de quando retornar as atividades em forma presencial, outra questão que paira sobre os educadores é a avaliação, como proceder visto que muitos alunos estão sem acesso ao material disponibilizado, ou quando há material impresso ou acesso via rádio ou Tv, como sanar as dúvidas que ocorrem durante esse processo, visto que as diferentes realidades de cada família, são diversos os fatores que interferem na qualidade de ensino deste alunos, sendo isto algo complexo e que precisa ainda a ser muito debatido.

Outro fator a ser levado em consideração quanto ao abismo tecnológico, é o exemplo vindo do Sindicato de professores do Distrito Federal que sinaliza que 23% dos professores não possuem aparelhos que permitam o trabalho remoto com seus alunos. Deve-se levar em consideração que o tempo hábil para reformular as aulas e colocá-las em um formato que pudesse atender essa nova realidade foi pequeno e acabou por sobrecarregar muitos docentes, que ainda precisam lidar com a perspectiva de evasão escolar, Machado (2020).

É de extrema importância o planejamento, pensar as formas de acesso e as mídias que serão utilizadas nas aulas, além da capacitação dos docentes para o domínio das ferramentas digitais. Para Dias e Leite (2010, p. 83) “o sucesso de um curso depende também do tipo de mídia e tecnologia e de como elas são utilizadas”. É mister considerar que cada aluno é um ser único e que apresenta diferentes necessidades educativas.

Os reflexos da pandemia no setor educacional, requerem uma reflexão profunda, pois quando já se fala em retomada das atividades em algumas cidades, em outras há ainda um grande número de casos de contágio. A realidade de cada região é distinta, o que torna ainda mais complexa a tomada de decisões, há outra questão relevante, quando comparadas das realidades de algumas escolas públicas e as escolas privadas, de acordo com Faustino; Silva (2020, p. 59) “os mesmos recursos das escolas privadas não possuem os alunos das escolas públicas, principalmente nos interiores municipais, onde a escassez de recursos financeiros e de pessoal é ainda mais severa”. A instabilidade, insegurança, ansiedade e desigualdade tiveram seu grau relativamente aumentado dentro deste contexto de pandemia, e tais problemáticas reverberaram nos diferentes níveis educacionais.

A sensação de incertezas e instabilidade perpassa os diferentes níveis escolares, pois faz-se necessário planejar um retorno as atividades presenciais, e estas por sua vez, hão de ter características diferentes do que costumamos vivenciar, principalmente pela necessidade latente de manter medidas de higienização com vistas a segurança de todos.

A fundação Oswaldo Cruz, Fiocruz, disponibilizou uma nota técnica, no mês de julho do corrente ano, onde apresenta alerta para o risco na volta às aulas no formato presencial, esses dados apontam que em torno de 9,3 milhões de pessoas, que convivem em lares que têm crianças em idade escolar, e estas estarão expostas a risco de transmissão.

Os reflexos da pandemia e das medidas restritivas que visaram reduzir o alastramento

² No mês de maio de 2020 o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, Anísio Teixeira (Inep), anunciou o adiamento das provas do Enem, tal decisão foi precedida de forte pressão social.

do contágio no Brasil, atingiu os mais variados segmentos de indústria, comércio, serviços, deixando agravar as desigualdades. Oliveira; Lisboa; Santiago (2020, p.24) relatam que enquanto uma parcela da população trabalha de forma remota em suas residências, a uma “grande parcela de brasileiros que se amontoam em barracos, muitas vezes, com esgotos ‘a céu aberto’, sem água potável, sem trabalho com carteira assinada, que se arriscam todos os dias” em busca de manter seu sustento de de suas famílias, muitos em atividades informais.

A abrupta paralização dos processos de ensino presencial e a adaptação ao ambiente virtual, apresentaram um novo patamar de desafios a serem superados pelos educadores. Ao refletir sobre o cenário pós-pandêmico, onde haverá a necessidade de transmissão e revisão de muitos conteúdos da grade curricular, podem refletir em um aumento da evasão (Senhoras, 2020).

Conclusão

Com relação ao futuro da educação formal após o período de pandemia, ainda não é possível uma visão consistente de políticas públicas que abarquem todo o território nacional, visto que neste momento já há Estados iniciando a flexibilização³, enquanto outros, continuam em pico da disseminação da pandemia⁴. Não existindo uma solução uníssona para todos os níveis educativos. O ensino remoto e o ensino na modalidade a distância foram aplicados por muitas instituições escolares com intuito de minimizar os problemas decorrentes do fechamento das instituições, dentro do estado de emergência sanitária que nos encontramos, todavia Russo; Magna; Soares, afirmam que,

É preocupante perceber o fortalecimento de um uso imediatista e apressado da modalidade de ensino a distância, minimizando os múltiplos impactos que essa orientação pode acarretar contextos já existentes de desigualdades sociais, culturais e econômicas (2020, p. 20).

Estamos em um momento de estratégias para o retorno gradual das aulas presenciais em vários Estados, com a observação dos protocolos sanitários, e planejamento das atividades de recuperação dos alunos e flexibilização⁵ da frequência escolar, em acordo com as orientações aprovadas pelo Conselho Nacional de Ensino. Além do combate ao abandono escolar e recuperação da aprendizagem, tais medidas necessitam da escuta e participação ativa de toda equipe de educadores. Há ainda o desafio de tornar o conhecimento tecnológico uma ferramenta a serviço da inclusão, precisamos repensar a organização escolar e as metodologias de ensino.

Ademais urge a necessidade de lutar por um país que priorize a educação, ciência e tecnologia. E articular práticas em defesa da qualidade do ensino e pesquisa com acesso amplo e democrático, em vistas a fortalecer a educação pública, não apenas neste cenário perturbador que estamos vivenciando, mas ainda, para os futuros desafios. Aprofundar o debate sobre como enfrentar a desigualdade educacional, quanto a preparação para atendimento da nova demanda que surgirá, como o acolhimento emocional dos alunos, acompanhamento dos que se apresentarem desestimulados e propensos a evadir. E afirmar o papel social da escola pública como um dos vetores da possibilidade da erradicação das desigualdades sociais, em sua busca, por vezes utópicas em promover uma sociedade equânime.

Faz-se necessário levar em consideração os contextos regionais, as vulnerabilidades

3 Rio de Janeiro, São Paulo. Fonte Revista Veja <https://veja.abril.com.br/brasil/os-desafios-dos-estados-que-comecam-a-flexibilizar-a-quarentena-no-brasil/> acesso em 16 de julho de 2020

4 Rio Grande do sul; Santa Catarina. Fonte G1 <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/07/29/casos-e-mortes-por-coronavirus-no-brasil-em-29-de-julho-segundo-consorcio-de-veiculos-de-imprensa.ghtml> acesso em 29 de julho de 2020

5 De acordo com Boletim da Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ), o InfoGripe, divulgado em 23/07/20, indicando a manutenção no elevado número de casos de contágio, além do indício da chamada “segunda onda” com novos casos de contaminação em regiões que a princípio haviam tido uma redução nos números de Síndrome Respiratória Aguda Grave (SRAG) e estavam em processo de flexibilização. Fonte <https://portal.fiocruz.br/noticia/dados-do-boletim-infogripe-indicam-segunda-onda-de-srag>, acesso em 28/07/2020.

existentes, para a partir disto, debater com os diferentes atores sociais, alternativas que proponham mais equilíbrio, uma construção coletiva que possam garantir o direito ao acesso à educação, entre outros tantos direitos sociais que visam garantir a dignidade. Faz-se necessário fomentar políticas públicas de universalização à internet, com intuito de atender de forma mais equânime os discentes que necessitam estar inseridos nas plataformas digitais, permitindo amplo acesso aos conteúdos educacionais.

Entender que também é um papel dos educadores em momento de dor, sofrimento e dúvidas em relação ao futuro, abrir espaços de diálogo, para buscar ideias, atitudes solidárias, em base axiológica para um obter melhores possibilidades de integração humana. Com um olhar crítico sobre as realidades sociais e as inúmeras desigualdade que impossibilitam a efetiva dignidade de todos os atores sociais. Visar a valorização dos estudos científicos, tão relevantes neste momento em que se busca incansavelmente por salvar vidas, com uma possível vacina. Compreender que valorizar a ciência é dar subsídios aos profissionais que trabalham no combate a diferentes tipos de doenças, produzindo pesquisas, estudos, que vem ao encontro de qualidade de vida para a sociedade. A educação precisa conjecturar atitudes comprometidas com a dignidade da pessoa humana, respeito a diversidade, e entender seu papel mister quando comprometida com a qualidade de vida da sociedade como um todo.

Referências

ANTUNES NETO, Joaquim M. F. Antunes. SOBRE ENSINO, APRENDIZAGEM E A SOCIEDADE DA TECNOLOGIA: POR QUE SE REFLETIR EM TEMPO DE PANDEMIA? **Revista Prospectus**, v. 2, n. 1, p. 28-38, Ago/Fev, 2020 Disponível em: <https://prospectus.fatecitapira.edu.br/index.php/pgt/article/view/32> acesso em 16 jul. 2020.

ARRUDA, Eucidio Pimenta Arruda. EDUCAÇÃO REMOTA EMERGENCIAL: elementos para políticas públicas na educação brasileira em tempos de Covid-19. **Em Rede, Revista de educação a distância**. v. 7, n. 1, p. 257-275. disponível em <https://www.auniredede.org.br/revista/index.php/emrede/article/view/621>. Acesso em 22 jun. 2020

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. <https://covid.saude.gov.br/> acesso em 28 jul. 2020

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=145011-pcp005-20&category_slug=marco-2020-pdf&Itemid=30192

CURY, Carlos Roberto Jamil. EDUCAÇÃO ESCOLAR E PANDEMIA. **Pedagogia em Ação**, Belo Horizonte, v.13, n. 1 (1 sem. 2020) disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/pedagogiacao> acesso em 13 jul. 2020.

DIAS, Rosilâna Aparecida; LEITE, Lígia Silva. **Educação a Distância: da legislação ao pedagógico**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2010.

DIAS, Érika; PINTO, Fátima Cunha Ferreira. A Educação e a Covid-19 **Ensaio: avaliação e políticas públicas em educação**. Educ., Rio de Janeiro, v.28, n.108, p. 545-554, jul./set. 2020. Disponível em https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40362020000300545 acesso em 30 jun. 2020.

FIOCRUZ. **Boletim InfoGripe**. Disponível em <https://portal.fiocruz.br/noticia/dados-do-boletim-infogripe-indicam-segunda-onda-de-srag> acesso em 28 jul. 2020.

FIOCRUZ. **Monitora Covid-19: nota técnica alerta para risco na volta às aulas**. Disponível em <https://portal.fiocruz.br/noticia/monitoracovid-19-nota-tecnica-alerta-para-riscos-na-volta-aulas> acesso em 28 jul. 2020.

FAUSTIN, Lorena Silva e Silva; SILVA, Tulio Faustino Rodrigues Silva. E Educadores frente à pandemia: dilemas e intervenções alternativas para coordenadores e docentes. **BOLETIM DE CONJUNTURA(BOCA)**. Ano II, vol. 3, n. 7, Boa Vista, 2020. **Revista UFRJ**. Disponível em: <https://revista.ufrj.br/boca/article/view/Faustinoetal> acesso em 22 jul. 2020.

MACHADO, Patrícia Lopes Pimenta. **Educação em tempos de pandemia: O ensinar através de tecnologias e mídias digitais**. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**. Ano 05, Ed. 06, Vol. 08, pp. 58-68. Junho de 2020. Disponível em <https://www.nucleodocohhecimento.com.br/educacao/tempos-de-pandemia>. Acesso em 26 jun. 2020.

MEDEIROS, Renata Cristina Rocha; CARVALHO, Maria João Cardoso. EDUCAÇÃO BÁSICA EM TEMPOS DE PANDEMIA. **Pedagogia em Ação**, Belo Horizonte, v.13, n. 1 (1 sem. 2020) disponível em <http://periodicos.pucminas.br/index.php/pedagogiacao> acesso em 17 de julho de 2020 60% dos Estados monitoram acesso ao ensino remoto: resultados mostram “apagão” do ensino público na pandemia. **G1**. Publicação 06 julho 2020. <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2020/07/06/60percent-dos-estados-monitoram-acesso-ao-ensino-remoto-resultados-mostram-apagao-do-ensino-publico-na-pandemia.ghtml>

PASSOS, Larissa. Aulas a distância da rede pública do DF deixam 120 mil estudantes sem acesso ao conteúdo, diz Sinpro. Distrito Federal, **G1**. Publicação em 24 de junho de 2020. <https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2020/06/24/aulas-a-distancia-na-rede-publica-do-df-deixam-120-mil-estudantes-sem-acesso-ao-conteudo-diz-sinpro.ghtml>

OLIVEIRA, Ana Beatriz. EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA: o uso da tecnologia como recurso educacional. **Pedagogia em Ação**, Belo Horizonte, v.13, n. 1 (1 sem. 2020). Disponível em <http://periodicos.pucminas.br/index.php/pedagogiacao> acesso em 23 jul. 2020.

SANTIAGO, Nilza Bernardes. PANDEMIA DO CORONAVÍRUS E SEUS IMPACTOS NA ÁREA EDUCACIONAL. **Pedagogia em Ação**, Belo Horizonte, v.13, n. 1 (1 sem. 2020). Disponível em <http://periodicos.pucminas.br/index.php/pedagogiacao> acesso em 23 jul. 2020.

RESENDE, Natália Silva; MELO, Patrícia Eliane. DIÁLOGOS SOBRE A ESCOLA EM CONTEXTO DE PANDEMIA: contribuições do pensamento de Paulo Freire e do Construcionismo Social. **Pedagogia em Ação**, Belo Horizonte, v. 13, n. 1 (1 sem. 2020). Disponível em <http://periodicos.pucminas.br/index.php/pedagogiacao> acesso em 23 jul. 2020.

SANTOS JUNIOR, Verissimo Barros dos; MONTEIRO, Jean Carlos da Silva. E Educação e Covid-19: as tecnologias digitais mediando a aprendizagem em tempos de pandemia. **Revista Encantar - Educação, Cultura e Sociedade - Bom Jesus da Lapa**, v. 2, p. 01-15, jan./dez. 2020 disponível em : <http://www.revistas.uneb.br/index.php/encantar/article/view/8583> acesso em 26 jul. 2020.

SENHORAS, Elói Martins. Coronavírus e educação: análise dos impactos assimétricos. **BOLETIM DE CONJUNTURA (BOCA)**, ano II, vol. 2, n. 5, Boa Vista, 2020. Disponível em <https://revista.ufrj.br/boca/article/view/Covid-19Educacao> acesso em 28 jul. 2020.

UNESCO. **Coalizão global de educação**. Disponível em <https://pt.unesco.org/covid19/educationresponse/globalcoalition>.

UNESCO. **A comissão futuros da educação da UNESCO apela ao planejamento antecipado contra o aumento das desigualdades após a COVID-19**. Publicação em 16 de abril de 2020. <https://pt.unesco.org/news/comissao-futuros-da-educacao-da-unesco-apela-ao-planejamento-antecipado-o-aumento-das>. Acesso em: 28 jul. 2020.

Recebido em: 24 de agosto de 2020.
Aceito em: 14 de outubro de 2021.